

A REPRESENTAÇÃO DO MEDO EM A *SEGUNDA VIDA* DE MACHADO DE ASSIS

Adelaide Caramuru Cezar (UEL)

accezar@uel.br

RESUMO: Em *A Segunda Vida* (1884) — conto de Machado de Assis (1839-1908) publicado pela primeira vez em 1884 na *Gazeta Literária* e no mesmo ano compilado pelo autor em *Histórias sem data* - tem-se o registro de duas espécies de medo. O primeiro deles diz respeito ao medo inerente a um homem que vem pela segunda vez à vida com todas as experiências da vida anterior. Trata-se do medo do protagonista-narrador José Maria que vem aconselhar-se com Monsenhor Romualdo de Sousa Caldas em sua igreja a respeito da dificuldade de viver com sua esposa, Clemência. Trata-se de um medo filosófico inerente ao conhecimento de vida. O segundo medo registrado no conto é real, físico. Monsenhor Caldas, vendo-se ante um lunático, cautelosamente lhe pede licença e vai à casa paroquial solicitar ao escravo que chame a polícia. O conto termina com a chegada desta: “Pela escada acima ouvia-se um rumor de espadas e de pés”.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; *Histórias Sem Data*; *A Segunda Vida*; Insólito; Medo.

No sexto volume de *Contos de Machado de Assis*, dedicado à presença da desrazão na contística de nosso autor oitocentista, João Cezar de Castro Rocha, professor de Literatura Comparada na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), afirma que o conto *A Segunda Vida* foi publicado em 15/01/1884 na *Gazeta Literária* de número 7, tendo sido, no mesmo ano, inserido pelo autor na coletânea de contos por ele intitulada *Histórias Sem Data*. Nesta coletânea outros contos insólitos fazem-se presentes: *A Igreja do Diabo*, *O Lapso*, *Conto Alexandrino*, *As Academias de São*. Aliás, o insólito já se tinha feito presente em coletânea anterior, *Papéis Avulsos* (1882): *O Alienista*, *A Chinela Turca*, *Na Arca*, *O Segredo do Bonzo*, *O Anel de Polícrates*, *O Espelho*, *Uma Visita de Alcibíades*.

O conto *A Segunda Vida* inicia-se de forma abrupta, apresentando de forma direta um dos personagens, Monsenhor Caldas. Vendo-se em situação de risco, camufladamente sai da cena para solicitar pedido de socorro a ser efetivado por seu escravo. Nesse pedido de socorro, refere-se à “estação de urbanos”, que, segundo nota de pé de página efetivada por John Gledson na antologia de contos machadianos por ele organizada, trata-se de “membros da Guarda Urbana, polícia profissional carioca criada em 1866, imitando as forças policiais de Londres e Paris” (1998. p. 153). Pode-se, pelo abrupto exórdio do conto, afirmar que Monsenhor Romualdo de Sousa Caldas sente medo de seu interlocutor, por ele apontado como “um sujeito doido”. O medo do religioso situa-se em plano físico.

Se solicita a presença da polícia, é porque sente que ela se faz necessária para protegê-lo fisicamente de seu interlocutor:

Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:

— Dá licença? é só um instante.

Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:

— João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa (1959, p. 215).

Trata-se de conto curto - dezoito páginas na edição Jackson, pouco menos de seis páginas na edição Nova Aguilar. Há dominância de cenas. José Maria e Monsenhor Caldas estão frente a frente na sacristia, cada um em sua cadeira. O primeiro traz uma bengala que conserva em cima dos joelhos, atemorizando involuntariamente o sacerdote. A fala de José Maria ocupa a maior parte do espaço gráfico. Limita-se Monsenhor Caldas a pequenas respostas às perguntas de José Maria que, em realidade, não podem ser respondidas por alguém que não compartilha da fé do protagonista na reencarnação, toma-o como louco e sente medo de ser agredido. A história começa com o pormenorizado relato da ida de José Maria ao céu logo após sua morte na vida anterior. A participação do sacerdote nas colocações de José Maria são solicitadas pelo protagonista, não deixando a Monsenhor Caldas opção para resposta, dada a insensatez de suas colocações, como já se vê na primeira ocorrência de sua fala:

— Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis. A sua pegou fogo alguma vez? (1959. p. 215-216).

Com medo, a resposta à questão proposta é imediata: “— Não, senhor” (1959. p. 216). Uma colocação absurda vai somando-se a outra colocação absurda, não oferecendo ao padre possibilidade de revide. Em verdade, o sacerdote não escuta aquilo que lhe é contado, fazendo do narrador um ente enganado, pois, ainda que se empenhe em sua narração, seu interlocutor não quer ouvi-lo, limitando-se a fazer de conta que o escuta enquanto espera a chegada da polícia para ver-se livre de seu interlocutor e de sua estranha história. O medo físico de Monsenhor Caldas elimina qualquer possibilidade de interação com José Maria que, cuidadosamente, conduz sua narrativa, fazendo-a como pressuposto para um pedido que virá a seguir, como registra o próprio personagem: “— [...] Mas, vamos ao que importa. Conto-lhe primeiro o que me sucedeu; depois lhe direi o que desejo de Vossa Reverendíssima” (ASSIS, 1959. p. 218).

Há, pois, um objetivo na fala de José Maria. Procurou Monsenhor Caldas para pedir-lhe uma orientação. A prévia faz-se, no entanto, segundo palavras do protagonista, necessária. Ela domina sete das dezoito páginas da edição Jackson dedicadas ao conto em pauta. Depois de ter datado sua morte, “vinte de março de 1869” (ASSIS, 1959. p. 215), conta sua viagem ao “novo sol, que é o planeta dos virtuosos da terra” (ASSIS, 1959. p. 216). É recebido com festas e fica sabendo que “completava mais um milheiro de almas” (ASSIS, 1959. p. 216). Tal feito dá-lhe a regalia de poder retornar ao planeta Terra na condição que bem escolhesse.

Tendo relatado essa prévia através de discurso direto, mais uma vez pede a intervenção de Monsenhor Caldas em seu discurso: “Que fazer? Que faria Vossa Reverendíssima no meu lugar?” (ASSIS, 1959. p. 217). Temeroso como se encontrava, tendo ouvidos apenas para os ruídos que vinham de fora, uma vez que aguardava a chegada do comandante para salvá-lo de seu interlocutor, Monsenhor Caldas responde às pressas: “— Não posso saber; depende...” (ASSIS, 1959. p. 217).

É o que basta para o protagonista dar continuidade ao seu relato através do discurso direto. Faz saber seu erro maior: apresentou como condição para retornar à terra nascer experiente. Tal condição, aceita após muita reprimenda das almas do planeta dos virtuosos, determinou sua segunda vida como direcionada ao fracasso. Nasceu com medo de repetir os erros da primeira vida. Assim, conforme ele mesmo confessa,

— Renasci em cinco de janeiro de 1861. Não lhe digo nada da nova meninice, porque aí a experiência teve só uma forma instintiva. Mamava pouco; chorava o menos que podia para não apanhar pancada. Comecei a andar tarde, por medo de cair, e daí me ficou uma tal ou qual fraqueza nas pernas. Correr e rolar, trepar nas árvores, saltar paredões, trocar murros, coisas tão úteis, nada disso fiz, por medo de contusão e sangue. Para falar com franqueza, tive uma infância aborrecida, e a escola não o foi menos. Chamavam-me tolo e moleirão. Realmente, eu vivia fugindo de tudo. Creia que durante esse tempo não escorreguei, mas também não corria nunca. Palavra, foi um tempo de aborrecimento; e, comparando as cabeças quebradas de outro tempo com o tédio de hoje, antes as cabeças quebradas (ASSIS, 1959. p. 219).

Claramente se nota no relato de José Maria ao Monsenhor Caldas que conduziu a segunda vida pelas ocorrências da primeira. Acontece que essas ocorrências relatadas são óbvias, comuns à existência de qualquer ser humano, sendo necessárias para o desenvolvimento do indivíduo. Ele mesmo diz que, por não se ter permitido andar no tempo devido, “me ficou uma tal ou qual fraqueza nas pernas” (ASSIS, 1959. p. 219). Experiência é tomada pelo protagonista como forma de aplacar dores imediatas, deixando de lado o fato da necessidade das mesmas. O medo de “apanhar pancadas”, “de cair”, “de contusão e sangue” acabaram por impedi-lo de viver, tornando, dessa forma, como ele

mesmo confessa, a segunda vida como “um tempo de aborrecimento; e, comparando as cabeças quebradas de outro tempo com o tédio de hoje, antes as cabeças quebradas” (ASSIS, 1959. p. 219).

O relato prossegue passando à mocidade na qual não se permitiu usufruir de ceia faustosa por lembrar-se “de três indigestões apanhadas quarenta anos antes, na primeira vida” (ASSIS, 1959. p. 220), não se permitiu entregar-se ao amor por medo das dores que poderia trazer. Sintetiza sua situação na nova vida da seguinte maneira: “A minha segunda vida é assim uma mocidade expansiva e impetuosa, enfreada por uma experiência virtual e tradicional. Vivo como Eurico, atado ao próprio cadáver... (ASSIS, 1959. p. 220-221). É nesse momento que pede, novamente, intervenção das palavras de Monsenhor Caldas em seu discurso, dizendo-lhe: “Não, a comparação não é boa. Como lhe parece que vivo?” (ASSIS, 1959. p. 221). A resposta vem pronta e torna-se uma metáfora da situação de José Maria na segunda vida: “Suponho que vive assim como um pássaro, batendo as asas e amarrado aos pés...” (ASSIS, 1959. p. 221). Essa resposta é o que basta para o protagonista abandonar a situação de quem conta sua história de vida deixando ao seu interlocutor o julgamento de suas especificidades através de suas palavras para passar ao mostrar-se por suas ações corpóreas. José Maria abandona temporariamente o *telling* e o substitui pelo *showing*, segundo terminologia de Percy Lubbock. Dessa forma, a sucessão de cenas nas quais o interlocutor contava sua história cede seu espaço à necessária intervenção do narrador em terceira pessoa que assume a palavra e descreve o comportamento do protagonista:

José Maria ergueu-se, agitando os braços, à maneira de asas. Ao erguer-se, caiu-lhe a bengala no chão; mas ele não deu por ela. Continuou a agitar os braços, em pé, defronte do padre, e a dizer que era isso mesmo, um pássaro, um grande pássaro... De cada vez que batia os braços nas coxas, levantava os calcanhares, dando ao corpo uma cadência de movimentos, e conservava os pés unidos, para mostrar que os tinha amarrados. Monsenhor aprovava de cabeça; ao mesmo tempo afiava as orelhas para ver se ouvia passos na escada. Tudo silêncio. Só lhe chegavam os rumores de fora: — carros e carroças que desciam, quitandeiras apregoando legumes, e um piano da vizinhança. José Maria sentou-se finalmente, depois de apanhar a bengala”... (ASSIS, 1959, p. 221).

O conto que, conforme já foi dito, é curto — dezoito páginas na edição Jackson, pouco menos de seis páginas na edição Nova Aguilar — apresenta a predominância de diálogos, sendo quem mais fala José Maria, preocupado em fazer com que o padre tome conhecimento de sua história de vida para depois poder ajudá-lo em sua petição de conselho. O narrador assume a narrativa apenas em seis parágrafos do conto, como é o caso do acima citado, sendo essa a segunda intervenção das seis ingerências do narrador em terceira pessoa na narrativa como um todo. Como o leitor pode notar, o narrador

descreve os movimentos ensandecidos de José Maria, antes presentes em suas palavras, e descreve ainda a preocupação do sacerdote com a demora da polícia, estando atento aos ruídos da rua.

Terminado o *showing* de José Maria e retornando ao seu *telling*, é apresentada a razão de sua visita ao padre: o conselho a respeito da efetivação de uma real experiência: seu casamento com D. Clemência, viúva por quem se apaixonou. A palavra “experiência” é agora substituída por “aventura”: “— Um pássaro, um grande pássaro. Para ver quanto é feliz a comparação, basta a aventura que me traz aqui, um caso de consciência, uma paixão, uma mulher, uma viúva, D. Clemência” (ASSIS, 1959. p. 222). Trata-se do novo que se apresenta e que, como tal, perturba José Maria. Já no começo de sua conversa com o sacerdote, havia lhe feito a seguinte confissão referente à sua primeira existência: “fui vítima da inexperiência, monsenhor, tive uma velhice ruim, por essa razão” (ASSIS, 1959. p. 217). Não sabendo como enfrentar essa real experiência, por ele denominada “aventura”, com a qual agora se depara, acha por bem procurar por um religioso capaz de orientá-lo. Há, pois, da parte do protagonista, reconhecimento da função do padre, chegando mesmo a declará-la, conforme revela na seguinte passagem: “Somos livres, gostamos um do outro, e não nos casamos: tal é a situação tenebrosa que venho expor a Vossa Reverendíssima, e que a sua teologia ou o que quer que seja explicará, se puder” (ASSIS, 1959. p. 222).

Descreve D. Clemência. Narra seus encontros e, a alegria que tomou conta de sua existência, pondo por terra, nos momentos de euforia, aquele velho medo de errar, determinando seu estar no mundo pelo conhecimento que trouxe de vida passada. Assim, com jovialidade, relata o que a “singular ocorrência” do amor lhe propiciou:

Clemência morava com o velho pai, e um irmão empregado no comércio; relacionei-me com ambos, e comecei a frequentar a casa, em Matacavalos. Olhos, apertos de mão, palavras soltas, outras ligadas, uma frase, duas frases, e estávamos amados e confessados. Uma noite, no patamar da escada, trocamos o primeiro beijo... Perdoe estas coisas, monsenhor; faça de conta que me está ouvindo de confissão. Nem eu lhe digo isto senão para acrescentar que saí dali tonto, desvairado, com a imagem de Clemência na cabeça e o sabor do beijo na boca. Errei cerca de duas horas, planeando uma vida única; determinei pedir-lhe a mão no fim da semana, e casar daí a um mês. Cheguei às derradeiras minúcias, cheguei a redigir e a ornar de cabeça as cartas de participação (ASSIS, 1959. p.222-223).

O problema é que toda essa euforia não se estabelece como uma constante. Os velhos valores estão sempre a retornar. A certeza de que só podia permitir-se experienciar aquilo que o bom senso lhe desse a certeza do lugar sem perigo em que desembocaria

continua limitando-lhe a existência. Assim, sabendo que podia apanhar, não se permitiu chorar quando bebê, sabendo que podia cair, não se permitiu correr, subir em árvores, sabendo que poderia ter problemas estomacais, não se permitiu saborear a ceia dos encontros amorosos. Frente ao novo, o amor por/de D. Clemência, o medo logo se instaura, de forma que as possibilidades de bem aventura logo caem por terra e vemos nosso protagonista relatar que “entrei em casa depois de meia-noite, e toda essa fantasmagoria voou, como as mutações à vista das antigas peças de teatro” (ASSIS, 1959. P. 223). Todo um novo parágrafo é dedicado ao raciocínio do velho homem que diz:

— Considerei, no momento de despir o colete, que o amor podia acabar depressa; tem-se visto algumas vezes. Ao descalçar as botas, lembrou-me coisa pior: — podia ficar o fastio. Concluí a *toilette* de dormir, acendi um cigarro, e, reclinando no canapé, pensei que o costume, a convivência, podia salvar tudo; mas, logo depois, adverti que as duas índoles podiam ser incompatíveis; e que fazer com duas índoles incompatíveis e inseparáveis? Mas, enfim, dei de barato tudo isso, porque a paixão era grande, violenta; considerei-me casado, com uma linda criancinha... Uma? Duas, seis, oito, podiam vir oito, podiam vir dez; algumas aleijadas. Também podia vir uma crise, duas crises, falta de dinheiro, penúria, doenças; podia vir alguma dessas afeições espúrias que perturbam a paz doméstica... Considerei tudo e concluí que o melhor era não casar” (ASSIS, 1959. p.223-224).

José Maria continua sua narrativa, falando de sua bipolaridade, do constante atar e romper com Clemência, cujo nome indicia seu papel junto ao protagonista. Depois do relato da morte de um tio, de uma herança, de um tiro, da doação de vinte mil contos à Biblioteca Nacional, o casamento finalmente ocorre, mas os temores continuam, pois, como ele confessa ao padre, “a experiência dera-lhe o terror de ser empulhado” (ASSIS, 1959. p. 227). Toda essa segunda parte da narração de José Maria apresenta-se de maneira agitada, entrecortada por gestos a substituírem as palavras e, como tal, fazendo-se necessária a intervenção do narrador em terceira pessoa a substituir as cenas por sumários. Assim, o penúltimo parágrafo é o relato agitado do personagem ao padre de seu sonho com a figura do demônio, que o engana. O último parágrafo, por sua vez, será uma mistura de terceira com primeira pessoa, de cena com sumário, restando ao leitor o confronto com situação carnavalesca interrompida pela chegada da polícia solicitada pelo monsenhor no início do conto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ASSIS, Machado de. A Segunda Vida. In: _____. *Histórias Sem Data*. Rio de Janeiro: Editora Jackson, 1959. p. 215-228.
- ASSIS, Machado de. *Contos*: uma antologia. Seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ASSIS, Machado de. *Contos de Machado de Assis*. V. 6:desrazão. Organização de João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LUBBOCK, Percy. *A técnica da ficção*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.